

Marielle, a ópera

Espectáculo sobre vida e assassinato da vereadora estreia em Ceilândia

Por Mayariane Castro

Na década de 1980, quando o Brasil inteiro se mobilizava na campanha por eleições diretas para presidente da República, o maestro Jorge Antunes tornou-se conhecido por compor a Sinfonia das Buzinas, uma música para orquestras e buzinas de automóveis.

Era uma celebração à forma como Brasília, que estava sob Estado de Emergência, encontrou para fazer sua manifestação. Proibida de fazer comícios, a cidade usava a buzina dos automó-

veis para protestar.

Mais de 40 anos depois, o maestro Jorge Antunes volta a reforçar a verve política da sua obra. Sua ópera Marielle será apresentada de 25 a 27 de julho no Teatro SESC Newton Rossi, em Ceilândia, no Distrito Federal.

Com entrada gratuita, a montagem propõe um tributo musical à trajetória política e ao assassinato da vereadora Marielle Franco (1979–2018), dividida em quatro atos e uma abertura orquestral.

O espetáculo é conduzido

por 19 músicos da orquestra ARS Hodierna e um coro de 12 vozes, com regência do maestro Jorge Lisbôa Antunes.

O libreto foi construído com base em discursos, entrevistas e declarações da própria vereadora, abordando temas como racismo estrutural, violência de Estado, direitos LGBTQIAPN+ e luta por justiça nas periferias.

A montagem tem como cenário principal a periferia carioca e destaca episódios centrais da vida da vereadora, do nascimento à sua morte.

Ceilândia, símbolo da resistência

Cidade foi escolhida pela semelhança na sua luta

O destaque é a atuação de Marielle na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, mas a ópera aborda também a relação com sua companheira Mônica, e o assassinato que se tornou símbolo internacional de luta contra a violência política.

O primeiro ato, com cerca de 43 minutos, apresenta uma favela dividida entre barracos e uma sala de aula comunitária. Relatos de vítimas de violência policial e debates sobre educação como ferramenta de resistência social

compõem a narrativa. A personagem Marielle, grávida, critica a opressão estrutural. O professor Alcimar introduz conceitos de Física com metáforas sociais.

Resistência

No segundo ato, ambientado em um apartamento na Tijuca, Marielle e Mônica trocam alianças. O espaço é decorado com símbolos de resistência LGBTQIA+ e abriga reuniões para organização de campanha eleitoral. Um perso-

nagem mudo, Rui, realiza uma performance de mímica sobre a repressão na ditadura militar. Interferências homofóbicas na TV interrompem a cena.

O terceiro ato se passa simultaneamente em um teatro de sombras e na Assembleia Legislativa. Marielle denuncia a intervenção militar no Rio de Janeiro e confronta parlamentares conservadores. Enquanto isso, um duo de funk aborda machismo e resistência nos morros. As ações no palco refletem as tensões entre institucionalidade e arte de rua.

No quarto e último ato, ocorrem cenas em um sarau na Casa das Pretas e no apartamento da protagonista. Poesias de Luiz Gama são recitadas, e imagens do assassinato de Marielle são projetadas em uma sequência simbólica. O encerramento destaca a continuidade da luta por justiça, com personagens prometendo manter vivo seu legado. O coro finaliza com o lema: “Não conseguirão matar a



Ópera conta a história de Marielle Franco em quatro atos

primavera”, seguido por uma voz eletrônica que diz: “Estamos de olho; à espreita!”

Ceilândia

A escolha de Ceilândia como local de estreia tem relação direta com o perfil da homenageada. Assim como Marielle, nascida no Complexo da Maré (RJ),

Ceilândia é um território marcado por resistência periférica e mobilização social. O espetáculo busca ampliar o acesso à ópera e dialogar com os desafios enfrentados por comunidades marginalizadas do Distrito Federal.

O projeto foi financiado pelo Fundo de Apoio à Cultura do DF (FAC-DF).

Divulgação



Viés político marca a obra musical de Jorge Antunes